

EPISTEMOLOGIA DO PONTO DE VISTA AFRICANO

Bert Hamminga

HAMMINGA, Bert. Epistemologia do ponto de vista africano. Tradução para uso didático de HAMMINGA, Bert. Epistemology from the African Point of View. In: HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopi, 2005, p. 57-84, por Khalil César Santarém da Silva e Amanda Balbino Pereira.

*Não saber é ruim.
Não querer saber é pior.*
Provérbio Nigeriano

Resumo: Na visão Africana tradicional, o conhecimento não é adquirido pelo trabalho, mas "dado" pelo ancestrais. Em segundo lugar, é imediatamente social: não "eu" sei, mas "nós" sabemos. Em terceiro lugar, o conhecimento é não universal, mas de uma *tribo local*: outras tribos têm conhecimentos diferentes. O conhecimento tem suas "variações biológicas"

assim como todas as outras coisas na natureza. A lógica resultante é elaborada neste artigo. A sociedade Moderna Africana, alterada como é pelo advento do pensamento ocidental, deve ser entendida na consciência da natureza conflitante das duas ideias de conhecimento.

Este capítulo contém a parte relevante dos meus pontos de vista sobre a ideia Africana de epistemologia expressada no meu livro recente *Ik heb een fiets em Jinja* [eu tenho uma bicicleta em Jinja], Hamminga (2003), a ser traduzido para o inglês (atualizações:<http://mindphiles.com/bike>).

O "Sujeito do Conhecimento" Africano não é uma Pessoa Individual

Como um africano, quando nasci, alguns ancestrais foram "nascidos" em minha mãe. Eu vou carregar seu nome. Eu não sou mesmo este ancestral. Não é "reencarnação". Eu sou o poder vital que este ancestral está disposto a investir em mim. Eu sou um elo na cadeia do poder vital, a cadeia genealógica da procriação da minha comunidade. Rezo frequentemente ao meu padrinho quando preciso de poder. Nos dê poder, eu peço. As pessoas vivas dependem para sua sobrevivência do poder dos ancestrais. Não *somos*

nada além de forças desse poder. Somos uma força encontrando comida, abrigo e parceiros para procriar. E, o objetivo final: ter crianças tão vitalmente poderosas, quanto o que nosso próprio poder vital permite. Essas são todas as instâncias de crescimento do poder. O poder vital é o que importa na vida, nós não nos preocupamos com nada mais. Nós entendemos Darwin muito bem, e o Velho Testamento muito melhor do que as pessoas ocidentais modernas entendem. O Velho Testamento descreve nossa vida e a maior parte de nossa consciência muito melhor do que a do século XX ocidental.

Nossa comunidade é uma árvore (para uma ilustração do modelo de árvore, veja Hamminga 2005, Apêndice na internet). (Mortos) ancestrais são raízes que dão energia aos adultos.

Os adultos formam o tronco. Eles, por sua vez, fornecem os ramos, folhas e flores, nossos filhos. A árvore *sabe*. "Nós sabemos. A árvore é o sujeito do conhecimento.

Os ocidentais podem se surpreender ao ver todos nós ficando entusiasmados (ou triste) ao mesmo momento. Isso é porque somos um corpo, uma árvore. *Nós cantamos, nós dançamos, nós choramos, nós sabemos*. Nós estamos "juntos", com um significado tão abrangente dessa palavra que os ocidentais terão dificuldade em entender e acreditar nessa comunalidade. Ironicamente, o Ocidente enviou cristãos para ensinar-nos sobre a comunalidade. Mas nós, aqui na África, somos os especialistas. *O conhecimento é uma forma de comunalidade*.

Uma vez que a comunalidade é o valor mais alto, queremos compartilhar nossos pontos de vista. Todos eles. Por isso, sempre concordamos com todos. Levantar-se e dizer: "eu tenho uma opinião radicalmente diferente" não seria, como costuma acontecer no Ocidente, chamar atenção para o que tenho a dizer. Em vez disso, é provável que eu seja conduzido aos líderes do meu clã antes mesmo de ter tido a chance de continuar meu discurso. Entre nós, você simplesmente nunca tem opiniões radicalmente diferentes. Isso é porque, e é por isso que estamos *juntos*. A comunalidade é o nosso critério final de qualquer ação, a busca do conhecimento é apenas uma delas.

A visão africana sobre filosofia e ciência ocidentais

Se você perguntar aos africanos familiarizados com a filosofia e a ciência ocidentais o que eles diriam sobre isso principalmente *no caso de terem que explicá-las aos seus pares africanos que não estão familiarizados com o assunto*, muitas vezes a resposta é: "É delicado". Agora o que isso quer dizer, se um africano disser isso a outro africano explicando a ideia ocidental da filosofia e da ciência? A escuta africana é solicitada pela explicação africana para seguir as seguintes etapas. Primeiro, considere você mesmo como um indivíduo "independente", "isolado". Segundo, crie o seu próprio conjunto *privado* de "razões para acreditar". Terceiro, em todas as ocasiões você tem que decidir se acredita em algo ou não, você deve vir - individualmente, por si só - para suas próprias conclusões, usando seu próprio conjunto de razões para acreditar, se necessário expandindo-as para o propósito.

Isso pode atacar os ocidentais como uma subestimação do aspecto social do pensamento ocidental e formação de crenças. No entanto, a partir da distância africana, não é muito longe do ponto. Em qualquer caso, enfatiza os saltos assustadores para a solidão que os africanos têm que fazer se desejam compreender a formação das crenças ocidentais, seja na filosofia ou na ciência (e para os ocidentais, os saltos inversos, o assunto deste artigo, são ainda mais difíceis de fazer).

Os ocidentais que melhor entendem o salto inverso - ou seja, o salto para "comunalidade" - são aqueles que têm que cooperar de perto e em nível quase instintivo com os outros, como participantes de uma equipe de esportes de alto nível, ou músicos, especialmente músicos que improvisam. Lembro-me do comentário de um jogador de futebol do Ajax sobre um gol: "Sim, foi de forma perfeita, nós não pensamos, nós apenas fizemos". Experiências semelhantes podem ser ouvidas em música improvisada: músicos dizem que em seus melhores momentos eles "se dissolvem em" sua própria música, eles não sentem que naquele momento decidem conscientemente por algum caminho musical, apenas "acontece" com eles *conjuntamente*. A forma como essa atitude dos participantes transforma um jogo ou concerto em uma coisa "coletiva" dá alguma pista sobre como tudo - o conhecimento e a aquisição incluídos - se transforma em algo comum, uma vez que você adota a atitude africana tradicional.

Entre os primeiros heróis ocidentais modernos do pensamento e da ciência, existe uma ocorrência surpreendentemente frequente de mentes independentes que trilharam seus próprios caminhos individuais, muitas vezes sozinhos e que foram alvo de risadas, punições ou até queimados por seus companheiros de tribo. Africanos prontos para fazer essa escolha para um solo perigoso, através da vida são ainda mais escassos do que os personagens semelhantes no início do período ocidental moderno, embora agora estejam crescendo em números. Sua coragem deve fazer todos ficarem admirados. Uma parte de uma árvore não escolhe uma existência individual. Nenhuma parte de um corpo - e isso é tudo o que você é - pode sobreviver de forma significativa cortada do resto. E tudo o que você faz, incluindo aquisição de conhecimento e de crenças, atende ao propósito de intensificar a energia vital, a procriação da tribo. Juntos. O que você faz se você se isolar, se individualizar é pior do que morrer: você nunca será uma raiz.

Omwâná wa mwíno: tákúmála bugúmbá [O filho de sua irmã (amiga) não pode levar embora sua esterilidade] (Cultural Research Centre 1999a, provérbio 98, mas, em geral, lá estão muitos desses provérbios sobre "solteiros").

Novas propostas: o papel da comunicação

O clã ou tribo é o sujeito do conhecimento. Todo conhecimento é poder. Todo o poder vem das forças que nos precedem: nossos ancestrais. Estas são três máximas que têm um status comparável à lei de conservação de energia na ciência ocidental: se alguns dos seus pensamentos não coincidem com isso, isso significa que você cometeu algum erro. Então, mesmo que a tribo mude de ideia, como por exemplo as tribos enfrentando a Aids, hoje em dia fazem nas relações sexuais, isso é uma adaptação para novas circunstâncias, de acordo com a visão tradicional acordada, sim *decretada* pelos ancestrais.

Cientistas do Ocidente podem trabalhar durante anos com base em crenças provisórias não compartilhadas pelo seu ambiente social ou mesmo científico antes de decidirem se eles estavam errados ou se deveriam publicar suas conclusões, embora sejam incompatíveis com a opinião geral. Isso não é o que os africanos entendem por

comunalidade. Se um membro do rebanho se mover, ele deve retornar ou todos devem seguir. E tudo isso *neste instante*. Não há impedimento na proposta de qualquer um. Existe, se algo estiver em discussão, notável liberdade de expressão para todos e nenhum tipo de ditadura.

Nem sequer tenha certeza previamente de quem terá o caminho certo. Isso vai depender do assunto. Mas, em algum momento, as coisas serão resolvidas. Não há regulamentos formais para que isso aconteça. Todo mundo sente ("Ouve" como é expresso na maioria das línguas bantas¹). Naquele momento, a verdade é *feita*. Todo mundo está de acordo. Todo mundo. Isto é ilustrado por uma observação do presidente do Uganda, Yoweri Museveni, que na sua autobiografia, explica como ele teve que aprender o uso do tipo "comandante" de liderança da maneira mais difícil: apenas após graves perdas humanas na fase inicial de sua guerrilha de libertação, ele começou a usar curtos procedimentos espontâneos de tomada de decisão comum entre os lutadores. "Originalmente, o grupo tinha sido consultivo - cada decisão foi tomada por consenso. Mas essa prática era perigosa quando se aplicava às situações militares" (Museveni, 1997, p. 80).

Agora, essa configuração nos grupos parece, para os ocidentais, mais como a forma que os ocidentais estabelecem coisas individualmente: ocidentais normalmente compram a metáfora de duvidar de uma "voz" dentro de você que te diga para ir a algum lugar, outra para ir a outro lugar. Essa é uma maneira de dizer que você hesita. É um estado desconfortável da mente. Se em um grupo africano há propostas inconsistentes, *o grupo coletivamente* apresenta um estado de espírito bem parecido e um estado desconfortável da mente. O estado tem que ser resolvido rapidamente. Isso diminui a vitalidade, inibe a ação. Os ocidentais não têm objeções ao conflito interno de duvidar como tal, mas, além talvez de alguns filósofos, eles não querem que isso dure muito tempo. Um ocidental que continua ouvindo as vozes conflitantes vai para a terapia. No grupo africano um sente o mesmo, embora não sobre si, mas sobre a comunidade. Eles não precisam de terapia, são bem treinados para alcançar o consenso de toda a comunidade.

¹ Ver HAMMINGA, Bert. Language, Reality and Truth: The African Point of View in: HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopy, 2005, p.101.

O termo "voz" no sentido que acabamos de usar é um lindo instrumento para dizer o que uma "pessoa" é na África clássica: *uma pessoa é uma voz na tribo. Todo mundo é uma voz na tribo.* Na maioria dos eventos públicos, refrãos cantados e aplaudidos por todos alternam com pessoas que chegam ao meio, tocam música e dançam, visto por todos. E todas e todos terão o seu turno. Assim que aprender a andar, você participará, e continuará fazendo até bem depois que você tiver perdido sua habilidade de ficar de pé. Essa é a forma africana mais importante de representar, afirmar e propagar o pensamento estabelecido e a ciência. Essa tradição rítmica e social (não harmônica) onde todo mundo tem sua participação veio ao Ocidente com o jazz, rapidamente se degradando em ciência de lamentações pessoais (blues) e, depois sucintamente perverteu-se em sua recente degeneração acadêmica ocidental para "arte" (músicos de jazz aprendendo a ler suas notas pelo papel) e pervertidas, sobretudo, naquele insulto vital ao tambor, o falso romantismo ocidental da música "pop" do último meio século, onde um potencial parceiro sexual é vítima de uma incivilizada abordagem de canto brutal e selvagem.

A aceitação incondicional de cada pessoa *individualmente* pelo grupo tem o efeito surpreendente observado com frequência por aqueles ocidentais que ensinaram algo em África: pedir à um aluno que leia um assunto em sala de aula e ele ou ela contará uma história coerente, de coração, ou com apenas algumas palavras em um pequeno fragmento de papel. Sem timidez, sem tentativas de frases. Eles dão a si mesmos, porque eles não aprenderam a temer como os alunos aprenderam no Ocidente.

Para o africano, parece difícil ser um indivíduo no Ocidente porque na sociedade ocidental eles não veem um grupo no qual eles podem ser um indivíduo. E é por isso que, para os africanos, os ocidentais parecem ser uma massa, uma multidão. Os ocidentais parecem um com o outro: eles usam roupas semelhantes, embora diferentes em toda nova temporada (enquanto as antigas ainda eram perfeitas), eles têm as mesmas opiniões, os mesmos interesses, eles assistem os mesmos programas de TV. Existe um conjunto fixo de mercadorias que um ocidental precisa possuir para participar de uma relação social normal. Há uma competição para ter algo um pouco maior, um pouco mais brilhante do que o seu vizinho. Para obter essas mercadorias, os ocidentais negligenciam o cuidado e a extensão de suas famílias a favor do dinheiro, ganhando

mais atividades. Para os africanos, a massa de ocidentais parece consistir em "indivíduos" muito similares, um mar homogêneo para se afogar.

Verdade e Autoridade

A regra geral para sempre concordar com todo mundo é mais enfática no que diz respeito às autoridades. No contexto do clã, a opinião do mais velho é a verdade. Todo o poder, toda a verdade vêm das raízes da árvore genealógica, dos ancestrais mortos, para o tronco, os anciãos, e passa para os pais e filhos, os galhos, folhas e flores.

Isso lança uma luz sobre a estratégia ocidental de convencer com *argumentos*. Do ponto de vista africano, os argumentos são um sinal de fraqueza, de falta de poder e vitalidade. Uma verdade boa e contundente não precisa de argumentos. Argumentos são muletas que são necessárias apenas para opiniões fracas, se não inválidas. A verdade não é argumentada, mas *sentida* ("Ouvida" com "O" maiúsculo²) como uma força proveniente do discurso humano. Um homem forte tem verdades fortes. No que diz respeito à verdade, a força não é sentida primeiramente através dos músculos, mas através da idade e da sabedoria. Na sabedoria não há estoques de argumentos. Consiste em uma compreensão mais ampla e mais profunda do universo como possuído por aqueles que têm um posicionamento mais profundo nele. A sabedoria é sentida como uma força.

Omúkulú táyoná: omúto n'âyoná [Um ancião nunca comete erros, é o mais novo que comete erros] (Cultural Research Centre 1999a, provérbio 759).

No contexto de uma burocracia estatal, artificial, perversa, imposta pelo estrangeiro, esta é elevada a um critério pelo qual uma autoridade prova e mostra seu poder: a autoridade gosta de estacionar deliberadamente seu carro em lugares proibidos e inconvenientes e exhibe opiniões estranhas para testar a obediência de seus subordinados concordando com eles. A lei geral de que a *autoridade é correta* é usada, pelo burocrata, para testar se está estabelecido ou não que ele seja uma autoridade.

² Ver HAMMINGA, Bert. Language, Reality and Truth: The African Point of View in: HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopy, 2005, p.101.

Verdades gerais: o que não significa dúvida

Como o conhecimento científico ocidental, o conhecimento africano tem camadas. No nível raso de aspectos práticos, existem coisas sobre as quais muitas vezes nós discordamos, como onde é o melhor lugar para caçar um animal específico ou se haverá chuva (o desacordo não implica que acreditemos lidar com a *contingência*, veja abaixo). No nível mais profundo há, como na ciência ocidental, leis gerais que atuam como regras metodológicas: elas são consideradas propriedades universais do mundo, elas atuam como princípios de arquivamento e fraseamento, e são usadas para provar *ex negatio* que alguém esteja errado (se estivesse certo, a lei geral seria errada, o que ninguém deseja aceitar). Não é errado pensar nessas verdades gerais em termos de conceitos ocidentais como "metafísica", "paradigma", "Núcleo duro", "teoria fundamental", "teoria básica", mas dar ao acadêmico a sofisticação da discussão em torno desses termos é contraproducente nesta fase para fazer uma escolha de todos esses termos. No espírito africano, nós simplesmente envolvemos todos esses termos diferentes, como varas diferentes possivelmente capazes de dirigirem vacas diferentes na mesma direção.

Passamos agora aos princípios que um africano clássico considera imprudente para dúvida (se essa pergunta alguma vez surgisse na mente de alguém, o que muitas vezes não surge). Primeiro, o universo consiste em *forças*. Elas exercem *poder* sobre cada um. Você tem: forças não-vivas, forças vivas, ex-forças vivas (forças desmaterializadas, forças, no entanto!). Lambendo algum tipo de pedra você pode parar de se sentir doente quando está grávida. Uma planta pode curar sua pele. Seu pai morto pode dar-lhe poder e conselhos. Um arco pode ajudá-lo a caçar com sucesso. Tudo tem poder, está ativo. Mais ou menos ativo. A pergunta de um africano a qualquer objeto desconhecido não é "O que é isso?", mas "O que isso faz?". Neste contexto, é interessante lembrar que Newton se opôs à ideia da Antiguidade de que tudo está em repouso, a menos que seja movido por uma força, generalizando a noção de repouso para um movimento linear com velocidade constante, da qual "Repouso" na Antiguidade (sem movimento) é um caso especial. Este "repouso generalizado" ocorreria na ausência de forças exercidas

sobre o objeto. Na tradição africana, nenhuma noção de inércia é significativa, porque tudo é uma força em si mesmo. É obtido seu poder de fora, sim, mas se não existe nenhuma força, então não há nada.

Em muitas línguas Africanas, a maneira de expressar que você foi atingido por uma pedra é: "Uma pedra me atingiu". Em África você pode comprar ervas protetoras para pendurar em seu carro.

O universo é uma cadeia de forças "empoderadoras" e "desempoderadoras" para cada de um. Deus é a super-força universal, impregnando tudo. Deus tem negócios importantes, então ele não lida diretamente com os humanos. Ele deixa isso para os outros: os jovens vão para os anciãos, os anciãos para os ancestrais e para o adivinho, que está em contato não apenas com os ancestrais, mas também com espíritos poderosos, pessoas que morreram e a quem conhecemos apenas como uma força.

Não existe apenas uma cadeia humana de forças, há também uma cadeia animal, uma cadeia de plantas e uma cadeia não-viva. Transferir poder de tudo para tudo é possível.

Toda força tem algo que você pode chamar de "sentido", uma "intenção", um "alvo", uma "função". Em Lingala (Congo), é chamado *ntína*, em Lusoga (Uganda) *ensónga*.

Todos esses termos abordam a ideia à sua maneira. O universo, não só a parte biológica, mas tudo isso, é funcional. A pedra está lá para curar doenças quando você está grávida, e provavelmente faz muitas outras coisas que não sabemos. *Toda aquisição de conhecimento é a descoberta do poder das forças*. Para descobrir o que uma coisa "faz". Para que a força *serve*. Burgman (1998) ilustra isso com a linguagem Luo, onde se diz literalmente que as gramas "verdejam", as águas "esfriam" e uma mulher "embeleza". É interessante comparar isso com Platão, no *Fédon* ([380 AEC] 1977), onde Sócrates é comunicado para dizer a Cebes, do seu jeito de provar a imortalidade da alma: "que nada mais tem o poder de tornar bonita, mas a presença ou a comunidade com o belo ou, no entanto, você pode querer chamar de ser-juntos" (100d).

Em seu conceito de Deus, como um superalimentador onipresente do universo tão grande para ser abordado por humanos individuais, os africanos são decisivamente

menos antropocêntricos do que os cristãos ocidentais e os muçulmanos, até curiosamente mais "modernos" do que os padrões *ocidentais*. Aqui podemos aprender com o tipo de modernidade ocidental defendida por Spinoza em sua *Ética* ([1677] 1977). Spinoza, cujos ancestrais judeus chegaram a Amsterdã a partir de Portugal, atingiram através da África, mantêm como princípios básicos da *Ética* que "tudo persevera para continuar na existência" (e não consegue fazê-lo apenas em um confronto com algo mais forte), e que "Deus é todas as coisas em todos os aspectos" (dos quais os humanos só conhecem o aspecto espiritual e material, um subconjunto insignificante dos aspectos das coisas). Spinoza defende um paralelismo - uma atribuição bijetora - entre a aparência material e espiritual das coisas. Por "espírito" Spinoza simplesmente indica, bastante compreensível para todo africano, as coisas que nos aparecem em forma de pensamento. Mas quando a coisa se encontra com algo mais forte e desmaterializa (para de "existir"), de acordo com Spinoza, seu atributo espiritual permanece, talvez em humanos e certamente em Deus. Do ponto de vista epistemológico de *eternidade* ("*sub specie aeternitate*"), tudo existe por definição. O corpo de todos os pensamentos é um aspecto de Deus, o corpo de todas as forças materiais outro. Haverá infinitamente mais aspectos sobre quais os seres humanos não conhecem. Finalmente, de acordo com Spinoza, o objetivo da vida do homem é a utilidade, isto é sobrevivência. O principal meio é a aquisição de conhecimento intuitivo (!), que está adquirindo ideias "adequadas". Ideias adequadas tornam você mais forte, as ideias inadequadas te machucam.

A "utilidade" de Spinoza é menos centrada no "consumidor" ou "mercadoria" do que o conceito econômico ocidental recente de utilidade que sugere a influência do livre movimento, o desejo atômico e individual como um fator que determina nossas vidas. Spinoza está pensando no que aumenta o poder de sobreviver como habilidades para manter o bom abrigo e comida, possivelmente, mas não necessariamente adquirida pela troca de trabalho e bens nos mercados. Por essa razão, ele está mais próximo do africano tradicional do que do ponto de vista ocidental moderno.

A maior parte disso é perfeitamente clara para *todo* africano que você conhece, mesmo no Ocidente, as ideias de Spinoza permaneceram em grande parte especializadas como vodu para os modernistas. Mas Spinoza geralmente é considerado

"à frente do seu tempo " no Ocidente (Observe o conceito linear notoriamente ocidental do tempo e a ideia de progresso natural nesta breve expressão!) Embora morto há mais de quatrocentos anos, Spinoza ainda é muito "moderno" (no sentido ocidental!) para ser um filósofo favorito de cristãos (ou, de fato, judeus ou muçulmanos). A partir do ponto de vista africano tem algum motivo para considerar a possibilidade que ocidentais e africanos têm ancestrais comuns.

Na sua relação com Deus, os africanos são decisivamente menos antropocêntricos do que os zelotes originais das três principais religiões mesopotâmicas: o Catolicismo, Protestantismo e o Islã. Na visão Africana, o critério da verdade é a vantagem pessoal na luta pela sobrevivência. Qual das três principais religiões mesopotâmicas intensificam o poder, dependem mais das circunstâncias, isto é, sobre o que essas religiões têm que oferecer em um determinado momento em um determinado local? Como resultado da competição das religiões mesopotâmicas no subcontinente africano, os africanos possuem uma fluidez notável em converter-se e, portanto, então: qual é a diferença para eles? A escolha é entre, por exemplo, apenas uma esposa (cristãos) ou não beber (muçulmanos). Para os líderes, é uma questão de qual clérigo estrangeiro tem o melhor poder para adicionar aos seus interesses. As vantagens dependem das circunstâncias. Muitos africanos distribuem seus filhos entre as escolas de todas as fés importadas, assim como os ocidentais prudentes fazem quando investem no mercado de ações. Como Spinoza, eles não se preocupam com o tipo específico de culto estrangeiro, mas mais com o que Spinoza chama de "utilidade".

O que acontece com você é sempre feito por alguém

O antropocentrismo autêntico e real para os ocidentais vem assim que são feitas as perguntas sobre as causas de aumento ou diminuição de um próprio poder vital. Como um africano clássico, seu poder vital é derivado de todos os tipos de forças: seu nome (impregnado do seu padrinho ancestral), seus pais, sua esposa, seus filhos, seu equipamento de caça (arcos e flechas, bem como outras forças que você esteja usando, como por exemplo partes fortes vitais de animais de caça e outros objetos não-vivos carregados por, digamos, um adivinho) e todos os outros animais, vegetais e

suprimentos não vivos que você procura por si mesmo. No sistema de transmissão de poder, seu próprio poder aumenta e diminui.

Um adivinho pode impregnar os objetos que o ajudam. No caso, por exemplo, da caça ele impregna não só seu arco, mas também algo como um dente de leão pendurado ao redor do seu pescoço durante a caça. Quando esses objetos começam a "enfraquecer" (perder o poder), você os leva ao adivinho. A recarga pode demorar alguns dias, durante os quais você, claro, será cuidadoso. Baterias de níquel-cádmio foram sensacionais para os ocidentais quando foram apresentadas, mas não é surpresa para os africanos. Uma vez eu comprei baterias não-recarregáveis em uma cidade bem pequena. O vendedor afirmou que elas iriam recarregar automaticamente, simplesmente dando-lhes um descanso por um tempo. "Você me pagará se não o fizerem?", pedi para testar sua convicção.

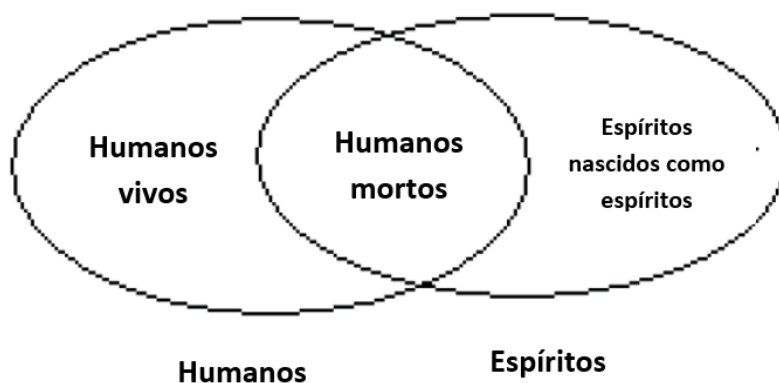
Ele não faria. Inferindo a partir desta resposta que fui testado por um típico "engano" africano e, portanto, provavelmente também me foi cobrado um preço *muzungu* (ocidental), eu pechinchei as baterias, a partir de uma imagem errada, oferecendo erroneamente a ele duas vezes o dinheiro. "Eu não posso aceitar isso", o homem respondeu: "Eu quero ser um comerciante honesto". Então, a teoria do "descanso" ou da "recuperação" se você preferir, era à sério, afinal.

A metáfora da bateria me ajudou muito. Mbiti (1969) usa a bateria do carro como uma metáfora. Pense também na bateria de luz: fótons ("poder") deixando um objeto ("Força" em termos africanos) que foi impregnado. É isso que você, como força, faz quando fala com alguém. Toda palavra é um fóton (no Congo, o Mongo tem um provérbio dizendo: "ofonda nk 'okaka,joi nta fondaka "[**o que apodrece é uma árvore caída, uma palavra não apodrece**]). E como pode um sobreviver sozinho? Quem irá recarregar você? A bateria como uma força "individual", separada dos dispositivos de carregamento, está condenada à desmaterialização. A transmissão de energia faz tudo aguentar completamente junto, não só a longo prazo, mas também em curto prazo. A consciência é quase exclusivamente no uso para "nossas" -considerações (em oposição às "minhas" -considerações). Eu nunca ouvi um africano falar sobre "minha aldeia". É sempre "nossa aldeia". Considerar seu Eu africano como um indivíduo chega próximo do que o leitor ocidental pode ser convencido a pedir para que um ocidental considere,

digamos, que o seu dedo médio é um indivíduo independente. E os africanos clássicos irão franzir a testa - pelo menos tanto quanto costuma ser feito no Ocidente - os machos tratam seus pênis como uma pessoa independente.

As causas dessas flutuações do seu poder são *agentes intencionais* (mortos ou vivos) *apenas*. Seja lá o que acontecer com você, "alguém" é responsável. É impensável que seu poder vital tenha mudado por uma simples contingência. Até as forças naturais que mudam seu poder vital, como uma chuva torrencial, são enviadas por pessoas que usam procedimentos de transmissão de energia. Nem mesmo Deus está envolvido nas especificações do que acontece com você. Algumas pessoas podem ser identificadas como forças do mal ("Feiticeiros"), mas outras podem ter sido mal utilizadas como força do mal pelos outros (elas podem ser curadas). Infelizmente, isso faz com que certas pessoas sejam os bodes expiatórios de uma comunidade, um perigo para o qual os ligeiramente desviantes e sem filhos são os mais propensos.

Agentes intencionais são seres humanos vivos, humanos mortos (espíritos) e outros espíritos que nunca foram seres humanos vivos porque nasceram como espíritos. Estes são conhecidos por residir em árvores, rios e assumir corpos de certos tipos de animais.



Conseqüentemente, para adquirir conhecimento da causa das diminuições no poder vital, deve-se encontrar a força com intenções malignas, desencadeando *deliberadamente* uma cadeia de transmissão de energia que resultaram em danos ao seu poder vital. Analogamente, o conhecimento sobre aumentos de seu poder vital deve ser

adquirido pela investigação da cadeia de transmissão de energia até chegar às pessoas vivas ou mortas que *projetaram* esse aumento.

Os anciãos e os adivinhos monitorarão essas causas para todos, uma vez que o conhecimento é básico para o poder vital da *comunidade*. Desnecessário será dizer que a *comunidade* é uma força, e o *próprio conhecimento* é uma força, transmitida pelos *ancestrais aos vivos*.

Os anciãos e adivinhos estão preocupados com a aquisição e atualização de conhecimento da vitalidade que afeta as forças. Esse conhecimento não é "produzido" (um "trabalho" que sugere metáfora de aquisição de conhecimento aceitável para muitos ocidentais), mas *dado*. (Muitos grandes cientistas ocidentais, no entanto, falam sobre seus momentos mais brilhantes de maneira semelhante, como parece estar refletido na distinção de Popper entre descoberta - pense na palavra "inspiração" que se refere aos *espíritos* - e justificação, que é representado como um *trabalho* sério no sentido deste conceito adquirido no desenvolvimento da tradição cristã e é estranho a cultura africana. Em geral, qualquer associação de aquisição de conhecimento com o *trabalho* é tão estranho a mentalidade clássica africana, como é ao clássico conceito grego de conhecimento. Apenas tendo respeito, uma mente aberta e uma boa vontade para receber é o que conta.

As forças do mal podem ter que ser encaminhadas com forças contrárias e a identificação de todas essas forças está repleta de incertezas, como qualquer participante admitirá prontamente. Contra alguma força, você "tenta" outra força (uma erva, uma flecha, uma pedra cuidadosamente impregnada e muitos outros meios, alguns deles relatados pelos ocidentais são surpreendentemente eficazes neles). Ao longo da sua vida, você melhora. Seu conhecimento cresce. Quanto mais velho você fica, mais você será requisitado para conselhos, porque os jovens dependem de você.

As crianças que vêm da escola com uma sabedoria desconhecida para os anciãos constituem um problema epistemológico fundamental. Uma nova cadeia radical de transmissão de poder deve ser acomodada. Claro, as crianças poderiam fazer muitas coisas melhores do que os mais velhos, como colher jaca da árvore para o café da manhã, mas ao servir como forças que transferem o conhecimento, elas se tornam como "anciãs". Uma clara tensão.

Os ocidentais estão inclinados a pensar que existe uma demarcação epistemológica entre os conhecimentos "naturais" sobre coisas como forjar ferro, construir uma casa, fazer cerâmica, caça, pesca, colheita, por um lado, e sobre "magia" no outro. Esse é um problema ocidental. Existe, a partir do ponto de vista africano, nenhuma diferença aqui no status epistêmico. Os africanos têm as suas próprias linhas de demarcação entre os diferentes tipos de status epistêmico que, para o ocidental, nem sempre são fáceis de acompanhar. Há *medicina*, *magia* e *ação dos espíritos*. A *medicina* é considerada a força mais casual: seu arco é "impregnado" por um médico, e também, por exemplo, o dente de leão que você usa em volta do seu pescoço. Essas forças melhoram seu poder de caça. Outras formas de medicina são: ervas contra espinhas, palavras faladas contra a insônia etc. *Magia*, por exemplo, é o que o adivinho faz por você quando teme roubo ou assalto: quando de noite você está dormindo em sua cabana, o adivinho irá fazê-la parecer um arbusto, e o ladrão se perderá. Foi-me dito que um disco voador feito de junco mantém um serviço de dez minutos entre a Tanzânia e Nova York (você viaja nu sem nenhuma bagagem). Seu combustível é sangue humano. Você paga muito mais do que paga em companhias aéreas regulares. Tudo isso é *mágico*. *Espíritos*, por fim, não são levemente manipulados por humanos vivos em "sessões", como os crentes em espíritos ocidentais tendem a sugerir. Não: os espíritos tomam as suas próprias decisões. Eles vêm, geralmente, porque estão irritados com alguma coisa. O pai morto de Hamlet, no entanto, apareceu a seu filho para dizer-lhe como ele tinha sido morto e o que ele queria que Hamlet fizesse, está em conformidade com a etiqueta espiritual africana. Quando um espírito vem, você leva um baita susto, mas não há nada para fazer com medicina ou magia.

Muitos artesãos africanos habilidosos combinam medicina e magia, mas afinal, um pode ser um bom encanador e um louvável jogador de Polo aquático.

Quando tentei interpretar uma demarcação geral entre medicina e magia, baseado nos muitos exemplos que me deram, tive algum sucesso entre os africanos com o critério de que a medicina é compreensível, em princípio, a todos, e a magia só é compreensível para os feiticeiros. A medicina é um ofício. Médicos não são os únicos capazes de impregnar arcos e dentes de leão, e usar ervas para prevenir, aliviar e curar todos os tipos de doenças. Essas coisas são puramente uma questão de prática e

experiência, nada especial. Mas o feiticeiro que cura um joelho dolorido a uma distância de 100 quilômetros (o filho, que paga a visita ao feiticeiro, recebe instruções sobre quando e como posicionar seu pai para receber as forças mágicas) intriga até mesmo o africano.

Para os ocidentais, a diferença entre magia e medicina deve ser aprendida pelo entendimento do que é surpreendente, intrigante para um africano e o que não é. A primeira coisa a perceber é que para um Africano *tudo* é transmissão de poder de uma força que vai para outra, e muitas dessas formas que devem ser confusas aos ocidentais são casuais para um africano e, portanto, não são mágicas.

Para a compreensão ocidental da epistemologia do ponto de vista africano o termo "magia" ameaça enganar. Eu devo evitá-lo.

Você pode, finalmente se concedido, ser a sua própria causa de diminuição do poder. É quando você mesmo fez o mal a alguém (um membro da comunidade, um ancestral morto, ou mesmo um espírito). Você poderia, por exemplo, ter insultado alguém, pegado alguma coisa ou quebrado uma regra de outras maneiras. Se você fez isso por bem, com as devidas desculpas, talvez acompanhado de presentes, você superará. Outros, que adquirirem conhecimento e experiência, podem ajudá-lo a encontrar aqueles que você ofendeu.

Segredo e Astúcia

Segredo e astúcia formam uma parte relevante do estudo do conhecimento. Afinal de contas, um segredo é algo que alguém sabe e não quer que outros saibam. Na filosofia da ciência ocidental, a bem conhecida diferença entre pesquisas "confidenciais" e "não confidenciais" recebe pouca atenção apesar de a última ser bastante conhecida por pagar melhor.

Por conta dos meios africanos de comunicação inter-humana extremamente poderosos, para ocidentais comuns, seria impossível manter um segredo vivendo numa comunidade africana clássica.

Eu tenho conhecimento disso por ter sido exposto diversas vezes em ambientes africanos (felizmente concernentes a segredos com intenções não muito más), apesar

da experiência que eu adquiri no meu casamento anterior com uma Russa. Na Rússia, devido a uma longa história cultural de opressão mental tanto em público quanto em particular, enraizada muito mais profundamente que a herança cultural comunista, a capacidade de criar segredos e desvendar segredos tem quase a finesse Africana.

"Tugonzániá: g'ámíra amátánta tákukóberá" ["Nós nos amamos", quando ele engole a saliva ele não lhe diz] (Cultural Research Centre 1999a, provérbio 934).

Os próprios africanos se dão muito melhor no âmbito dos segredos porque, devido à "corrida armamentista" entre a descoberta de segredos e a sua preservação, as técnicas africanas de preservação de segredos alcançaram níveis surpreendentes de sofisticação. Em primeiro lugar, existem segredos sociais, como os segredos do grupo de homens adultos. Em segundo lugar, nenhum adivinho estará pronto para lhe contar os detalhes de seu ofício e isso é aceito assim como é aceito para outros tipos de ocupações especializadas. Esse *know-how* passa somente de pais para filhos. Em terceiro lugar, todo indivíduo, de vez em quando, "perde as curvas" que a sociedade faz e do lado de fora do caminho encontra algo que ele ou ela não está pronto(a) para compartilhar com os outros. Pode ser qualquer tipo de força. Pode muito bem ser conhecimento que os outros iriam imediatamente aceitar como verdadeiro, mas que a sua propagação causaria diminuição da força vital do indivíduo inquisidor envolvido. Alternativamente, poderia haver uma convicção de que, se compartilhado, seria contestado ferozmente ou poderia até conduzir ao banimento do indivíduo.

Qualquer que seja a descoberta anômala, não compartilhada, seu caráter secreto bloqueia o avanço do conhecimento da comunidade. Como as condições para que algo seja compartilhado de forma segura são muito fortes, o volume de descobertas interessantes morre com pessoas individuais, em forma de segredos como diz o provérbio dos Basoga: "Te conto mais tarde' morreu sem revelar seu segredo".

Antes disso, entretanto, em sua vida, a pessoa pode ter empregado bem o segredo. Usar segredos de maneira inteligente é um valor positivo na África, exemplificado por animais inteligentes como a tartaruga. De certo que não vou tornar públicos os segredos da tartaruga, mas uma vez a tartaruga gabou-se para o hipopótamo e para o elefante de que era uma puxadora de corda de igual talento. No dia combinado para o desafio ela nadou com uma corda de um lado para o outro do rio, com a qual ela

conectou nas extremidades cada um dos seus adversários. Assim ela estabeleceu a reputação que desejava.

Tempo e Realismo

"Futuro" é uma palavra que tanto europeus como africanos conhecem. Mbiti (1969) explica de forma brilhante como o conceito africano clássico de "futuro", representado por ele como "*sasa*", difere do europeu. Para os ocidentais, o tempo é um conjunto de listras desenhadas no asfalto da estrada na qual eles dirigem. Eles acreditam estar dirigindo a uma velocidade exatamente constante, de maneira que eles acreditam saber exatamente quando todos nós, não só os ocidentais, vão cruzar essas listras. Existem listras grandes para os anos, menores para os meses, dias, horas, minutos, segundos, e assim por diante. Ocidentais acham imprudente duvidar se a estrada é perfeitamente reta, regular e perdura para sempre. A jornada deles termina quando eles morrem, mas morrer cedo não é uma possibilidade real para a maioria deles como é para todo africano. Seus acordos sobre futuras entregas e pagamentos estão muito precisamente desenhados nesse asfalto. Se eles falharem em pagar ou entregar no momento em que sua máquina do tempo alcançou a listra no asfalto, eles estarão em uma grande enrascada e provavelmente perderão seu cliente e todos os seus amigos. Assim, os acordos, que na África são a causa de sentimentos calorosos de amizade conquistada ou reforçada, muitas vezes fazem com que os ocidentais fiquem bastante nervosos. Os africanos não têm uma crença tão inabalável no futuro. A velocidade constante sobre um asfalto regular pode ser possível, mas a máquina pode facilmente quebrar, enchentes podem desmanchar a estrada e um parente pode aparecer. Africanos não gostam de perder muito tempo especulando sobre o futuro.

Bulí mbéri: tágúla bulí ínhúmá [O que está adiante não pode comprar o que está atrás]
(Cultural Research Centre 1999a, provérbio 274).

As chances do futuro ser exatamente o que nós esperamos são consideradas baixas. Para que gastar energia em tais considerações hipotéticas! Ao invés de horas e datas numéricas, africanos tradicionalmente contam com marcos emocionais pessoais, como quando você nasceu, quando você se casou, quando você teve seu primeiro filho,

quando houve uma guerra. Uma pergunta típica dos ocidentais é: "quando nasceu Museveni?". A resposta: 1944. O africano tradicional poderia questionar: "1944? Quando foi isso?", e, se alguém for da família de Museveni ou próximo, uma das respostas úteis poderia ser: "Foi quando Museveni nasceu". Assim como as histórias de Karin Blixen sobre seus programas de cozinha ("o molho do cavalo cinza que morreu"³), memória e memorização estão ancoradas em eventos empáticos no passado. O *tempo decorrido* (Mbiti chama de *zamani*) é *peçoal, vivo*. Porém, no que diz respeito ao futuro, essas marcas vivas, pessoais, ainda serão feitas e o africano particularmente considera sua influência sobre elas pequena. *O futuro é hipotético, irreal e desinteressante para ser considerado no presente*.

Essa visão naturalmente implica que a expectativa é em geral imprudente e existe uma segunda razão fundamental para que a expectativa seja imprudente: uma vez que todas as forças que determinam o futuro dos acontecimentos são pessoais, a expectativa é também inconveniente. Ao criar expectativa, você espera que forças façam algo e essa é uma maneira que as mesmas, especialmente as forças poderosas – que são as mais importantes – não querem ser tratadas por você. Você não deve agir na espera de que elas cooperarão, mas você deve esperar despretensiosamente até que elas decidam fazer alguma coisa por você. Este é um bom comportamento, isto é: o comportamento que otimiza suas chances na natureza. Em resumo, você é ensinado a tratar a natureza da mesma forma que você trata seu pai e sua mãe: uma espera atenciosa e respeitosa. Essa não é somente a maneira com que você captura veados e peixes, essa é a maneira com que você captura tudo, inclusive conhecimento. Os gestos de respeito são sacrifício, fala, música e dança. Eles são, um pouco desrespeitosamente formulado, iscas. Iscas destinadas a encorajar ancestrais e outros poderes para que exerçam as forças sobre o que nós precisamos, ou seja, para nos dar forças que contribuem para a nossa sobrevivência.

Do ponto de vista tradicional, poder e passado consequentemente são dois nomes para a mesma coisa: poder é o passado. O passado é o poder ativo que nos dá força todos os dias. O passado é real e vívido, não no sentido dos relógios-calendário

³ Ver HAMMINGA, Bert. Language, Reality and Truth: The African Point of View in: HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopy, 2005, p.102.

sem vida, mas nos termos dos seus eventos principais (como Museveni explica na questão da sua data de nascimento⁴). O futuro é hipotético e, nas mãos dos poderes que nos cercam, muito mais poderosos do que nós somos.

Como resultado desta natureza hipotética, para os africanos, um certo ponto num tempo futuro parece mais longe do que para um europeu. Esperando pelo início de uma peça em Jinja, Uganda, eu conheci uma irmã ugandense que havia acabado de voltar de sua visita a Londres. Eu a questioneei: uma semana ugandense equivalem a quantas semanas londrinas? Ela compreendeu minha pergunta imediatamente, pensou por apenas um segundo, olhando sobre a minha cabeça, e afirmou decididamente: seis.

Tal fato teria consequências tremendas: isso significa que em uma semana de trabalho duro, um ugandense sofre seis vezes mais do que um londrino. Se ele está livre por uma semana, ele a aproveita seis vezes mais do que um londrino. Isso tornaria muito irracional para um ugandense ter que trabalhar tão duro quanto um londrino, especialmente quando você soma o fato de que o londrino sente-se seguro sobre o gozo futuro dos frutos do seu trabalho e para o ugandense o futuro é irreal, incerto e hipotético.

Seja seis ou outro número, para um ugandense, comparado a um europeu, o presente é mais amplo e o futuro é menor. O gozo futuro é mais real para um europeu e ele está disposto a trabalhar no presente para preencher seu futuro com gozo. O futuro é "grande" para ele e ele espera que seja repleto de gozo. Para um ugandense, o mesmo trabalho, requerendo o mesmo número de horas, ocupa o seu presente, que é algo muito amplo. O sacrifício é muito alto. A recompensa, que preenche seu futuro com gozo, é baixa, porque seu futuro é pequeno.

Formular teorias causais é um desperdício de energia: Boa sorte – má sorte

O que vai acontecer como consequência das suas ações é incerto, porque suas ações são como as ondas que uma flor narciso faz no ar. O que isso faz com o ar? O que isso faz a você? Não pense muito sobre isso. Você vai desperdiçar o seu tempo. Você flutua sobre forças sobre as quais você não conhece muito, e você não está no comando

⁴ Ver MUSEVENI, Yoweri Kaguta. The Power of Knowledge in: HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopy, 2005, p.11.

de qualquer forma. Embora sejam sempre pessoas, humanos (vivos, mas, antes de tudo, humanos mortos e outros espíritos) responsáveis pelo que acontece com você, é difícil conhecer todos eles e nós investimos em adquirir tal conhecimento somente quando experienciamos uma drenagem persistente na nossa vitalidade. Isto acontece porque você tem que apaziguar humanos e espíritos que, de alguma forma, começaram a adquirir o hábito de sempre pegar no seu pé. De resto, na sua ação, você se "dá" para a natureza da mesma forma com que você se dá para a sua comunidade. Então por que, por exemplo, dirigir prudentemente?, Burgman pergunta (1998, p. 74). Se você sobrevive à grande aventura, você teve boa sorte; se você morrer, você teve má sorte. Os ocidentais, enfrentando situações negligenciadas pelos africanos, "causando" (na visão ocidental) infortúnio, poderão perguntar porque alguma atitude preventiva (como controle regular dos freios e pneus) foi negligenciada. Os africanos são propensos a pensar que a renúncia da ação preventiva não tem nada ou pouco a ver com o infortúnio resultante, que é simplesmente uma questão de má sorte. Não houveram outros que também negligenciaram a ação preventiva mas sem o infortúnio resultante? Se grandes poderes estão contra você, não há nada que você possa fazer em todo o caso e você terá que aceitar e se conformar. Museveni escreve sobre seus esforços para educar os pastores de gado de Ankole: "Se suas vacas morreram, eles achavam que era apenas má sorte"⁵. Os africanos têm notável capacidade na sua aceitação do sofrimento.

Não há como estudar forças isoladamente. A natureza como um todo opera na natureza como um todo. Isso implica que não faz qualquer sentido realizar experimentos controlados para adquirir conhecimento sobre as forças. Nessa visão, o método científico ocidental carece de qualquer fragmento de sentido. Isolamento experimental de forças é impensável. A sabedoria não se revela em repetidas previsões corretas ou no sucesso persistente em obter certos objetivos práticos. Museveni, sobre os pastores de gado de Ankole nos seus primeiros dias de ensino, escreve: "Confiar numa linha de pensamento sem ter visto o resultado previsto era geralmente considerado muito precário para basear uma mudança de método sobre tal"⁶.

⁵ MUSEVENI, *op. cit.*, p. 16.

⁶ MUSEVENI, *op. cit.*, p. 17.

Por outro lado, Karen Blixen sugere em *Out of Africa*, falando sobre o esforço de sua acompanhante leiga em fornecer suporte médico:

Pudera eu ser capaz de garantir a recuperação de cada paciente individual, quem sabe, seu círculo teria afinado. Neste caso eu teria desfrutado o prestígio de uma médica – aparentemente uma doutora altamente capaz de Volaia! – mas teriam eles continuado a ter certeza de que o Senhor está comigo? Por eles conhecerem o Senhor pelos grande anos de seca, pelos leões nas planícies à noite, e pelos leopardos próximos às suas casas quando as crianças estavam sozinhas, e pelos enxames de gafanhotos descendo sobre a terra, ninguém sabia de onde, e sem deixar nenhuma única folha depois de sua passagem. Eles o conheciam pelos inimagináveis momentos cheios de felicidade quando um enxame houvesse voado sobre o campo sem pousar nele, ou quando, na primavera, as chuvas viessem cedo e abundantemente deixando os campos e planícies florescer e produzir uma colheita rica. Então, aquela doutora altamente capaz de Volaia [Europa] ainda seria talvez uma estranha nas verdadeiras grandes coisas da vida. (Blixen 1937, p. 184)

A sugestão de Blixen aqui é de que para algo ser real, boa sorte e má sorte devem ser parte integrante.

Em uma discussão numa exposição de técnicas para fazer chover por Dah-Lokonon (1997, p. 88), Jean-Marie Apovo descreve um evento em que a chuva falha em cair.

Os fazedores-de-chuva alegam que determinados sentimentos não estavam bem certos, ou que um número de condições subjetivas não foi alcançado. Alguém questiona porque o funcionamento das nossas ["nossos" refere-se aqui a africano; Apovo é um africano nativo, embora, aparente pelas suas formulações, criado no conceito ocidental de conhecimento] práticas intelectuais tradicionais estão sempre sujeitas a tais condições psicológicas, individuais e climáticas. O que podemos fazer para nos livrar desses fatores subjetivos e adquirir pura objetividade? (Apovo, 1997, p. 123).

O que Apovo quer "se livrar" é a essência do mundo, na visão africana tradicional.

Sobre boa sorte e má sorte em Busoga (Uganda) existe uma publicação pelo *Cultural Research Centre* (2000), Jinja.

Aquisição de conhecimento relevante para o princípio do investimento mínimo

Burgman fez uma observação muito importante. Nós o seguiremos aqui em detalhe (embora não literalmente, ver Burgman 1998). Uma regra básica que é geralmente honrada é: mantenha-se fora do caminho de forças poderosas a não ser que você possa lidar com elas. De fato, é considerado sábio manter-se fora do caminho de qualquer tipo de força que te moleste. Há sabedoria em reduzir o número de coisas que devem ser feitas. Aqui temos que *experimentar*. Muitas coisas se apresentam como absolutamente necessárias, mas um pouco de experimentação nos mostrará que elas podem muitas vezes ser omitidas. Evitar embates agressivos é uma coisa sábia a se fazer e muito boa para a saúde de quem o faz. Burgman chama isso de "Lei do Investimento Mínimo" (Burgman, 1998). Sempre que a natureza traça um plano, ela investe o mínimo de energia nele, de forma que ele apenas funcione. Um leão pode apenas pegar sua presa, e muitas vezes a perde; um martim-pescador tem mais erros do que acertos. Muito poder em um local particular poderia perturbar o equilíbrio da natureza. De forma que as pessoas também deveriam tentar alcançar seus objetivos com um investimento mínimo. O que é, de fato, o mínimo deve ser estabelecido através de experimento: o quanto você pode reduzir o seu estímulo antes que a coisa de fato entre em colapso? Isto explica porque os africanos tendem a amar omitir ações que parecem indispensáveis para ocidentais. Isso tem um impacto imediato no nível de manutenção de veículos, casas e equipamentos. Em uma escala muito maior isso explica porque o progresso técnico não é uma prioridade: interferir na natureza, afim de adquirir conhecimento sobre como obter mais dela do que já se tem, se isso já é pelo menos o que alguém estritamente necessita, estará se expondo a perigo desnecessário.

Os africanos sentem que sua "aproximação amena" da natureza é recompensada. Se você não faz demandas exorbitantes sobre a natureza, você descobrirá que a natureza responde com certo grau de confiabilidade e até generosidade. Ela responderá às suas necessidades se você fizer delas suficientemente razoáveis. Dessa forma não há necessidade de guardar alimentos em larga escala. Esta compreensão leva à atitude de "banquete ou fome". Alguns estrangeiros podem menosprezar isso, mas pelo menos nós temos um banquete de vez em quando. Um banquete acontece sempre que há abundância e nos é consentido acabar com tudo. Num futuro irreal, hipotético e

desinteressante, a natureza pode oferecer alguma outra coisa novamente. Ou não, e, nesse caso, ainda assim teríamos tido um banquete maravilhoso hoje. Para ilustrar: após um dia de tumulto em Kinshasa durante o qual um supermercado foi saqueado pela multidão, alguém escreveu na parede do supermercado: "merci pour la fête" (obrigado pelo banquete).

No contexto da presente tecnologia do século 20 e intensa competição no mundo industrial, isso cria problemas. Pois que os africanos conhecem e desejam algumas das coisas que a tecnologia produziu. Mas a quantidade de trabalho que se consome na sua produção, ou mesmo na sua obtenção, pode ser maior do que eles acreditam ser humanamente desejável. Até quando esses artigos são obtidos, esses mesmo artigos demandam muito cuidado. Mecanismos de todos os tipos têm suas próprias leis de manutenção e segurança. É muito perigoso interferir nessas leis. Ainda assim vemos à nossa volta pessoas tentando preterir até as exigências mínimas demandas feitas por esses artefatos. Regulamentos de segurança são desprezados com incrível facilidade. Como consequência disso catastróficos acidentes acontecem, e horríveis acidentes. Esses serão imputados à "má sorte". Observem: muitas pessoas realizaram manutenções piores e até correram maiores riscos; então de que maneira eles não sofreram um acidente, e saíram impunes? Desta maneira a conexão causal se torna extinta, e o julgamento da "boa sorte - má sorte" assume o controle.

Nós prezamos por ferramentas técnicas tão poderosas como armas e carros, mas o nosso princípio de investimento mínimo nos faz prezar na maioria das vezes aqueles objetos técnicos que não requerem nem investimentos futuros nem qualquer manutenção: A África foi conquistada por sacolas plásticas, chinelos e galões (que não necessitam realmente da sua tampa de rosca, como descobrimos rapidamente).

Na minha segunda visita à Uganda, eu trouxe muitas tampas de rosca para os galões, tendo visto sua ausência generalizada. Elas tiveram pouco interesse.

Conclusão I: O conhecimento que nós precisamos

Nossa tribo consiste de pessoas em um sistema (raízes, troncos, galhos, folhas, frutas, sementes) como uma árvore. As pessoas são forças transmitindo poder a outras

forças (algumas das quais são as próprias pessoas, outras não). O poder é o passado. As raízes. São os ancestrais. Para estimular a transmissão de poder a nós pelos ancestrais, temos uma variedade de gestos de respeito a eles, principalmente sacrifício, música e dança. **Essas são pequenas contracorrentes nas árvores, chamadas iscas, correndo contra a corrente principal de poder, que alimenta e fertiliza as árvores.** O tempo corre com o poder. O poder é o passado. Poder (no passado, como agora) é o que você pode ver, mas, o que é muito mais importante: sentir e ouvir. O passado (como o agora) é real. O futuro é apenas hipotético, determinado além do nosso controle. Podemos ter expectativas sobre como a árvore vai parecer no futuro, mas elas são completamente irrelevantes. O futuro é esperar-para-ver. (Exemplo: Hamminga, 2005, Apêndice na internet).

De que tipos de conhecimento o africano clássico necessita? Os critérios são *sobrevivência, procriação*: o primeiro requisito considera-se que seja a comunalidade. Devemos saber como atingir esses objetivos.

Não é sábio duvidar ou discutir

- Deus é a totalidade do poder;
- O mundo é o somatório das forças;
- O clã ou a tribo é o sujeito do conhecimento;
- Todo conhecimento é poder;
- Todo conhecimento é sobre forças e seus poderes;
- Todo o nosso poder, incluindo o advindo do conhecimento, é transmitido procriativamente. Para nós isso significa: ele vem dos nossos ancestrais;
- Você não busca o conhecimento, você não o adquire através do trabalho ou esforço. Você espera até que ele chegue. Ele lhe está sendo dado por voluntariosas e poderosas forças.

Coisas para manter uma mente aberta sobre:

Essas coisas são referidas em provérbio como: “Omúgeesi ekyámúzîmbyá ku

ngírá: kulágíríwá” [Porque um ferreiro construiu sua oficina próximo à estrada, deve ser corrigido] (Cultural Research Centre 1999a, provérbio 716).

- Quais são os poderes de cada tipo diferente de força? Como empregar melhor esses poderes?
- Quem transmite o poder a favor da minha energia vital? Como lidar com eles? ("Meu" envolve todos os meus, ou seja: em última análise, toda a comunidade.)
- Quais são as condições mínimas para manter algo em funcionamento?

Conclusão II: Porque a necessidade da ciência da especificação ocidental não é sentida

Na cultura africana clássica, conhecimento não é produzido, mas ele chega, é dado a você pela tradição, pelos ancestrais, como uma herança. Dessa forma a aquisição de conhecimento é um assunto *puramente social*, uma questão de ensino, de ser ensinado, "enviado" (por forças espirituais vivas ou mortas) somente. Igualmente ao antigo conhecimento grego, não há nenhuma relação com suor ou trabalho.

Para os africanos, o conhecimento só é relevante quando é sobre você mesmo, sobre a presente vitalidade, sobre os problemas concretos do presente. Sobre procriação. *O futuro é irreal*. Você apenas espera até que ele se torne presente e então você age. Não existe "pura curiosidade". Qualquer passo no sentido de satisfazer a pura curiosidade é um passo para o *irreal*. Um desperdício de energia. *O possível e o futuro não são (ainda) realidade, sendo, portanto, irrelevantes*.

Alguém poderia, em teoria, imaginar os africanos experimentando, digamos, seus diferentes remédios em pessoas e animais como forma de teste. Porém *não existe crença de que causas podem ser isoladas*. Todas as forças envolvidas estão *vívidas*. Durante a repetição de um experimento as forças envolvidas poderão ter adquirido diferente consciência e diferentes intenções. As forças *aprendem*. Outras forças podem juntar-se à jogada na próxima vez. Portanto a *experimentação no sentido ocidental está esvaziada de significado*. Você pode experimentar, mas isto não está associado à comparação formalmente controlada de eventos similares que você tenha passado.

Comunalidade é o valor mais alto. Isso implica um acordo sobre o que é e como isso funciona. Tal acordo é *obrigatório*. É *inadequado, rude, mau comportamento* desafiar o consenso. *Todo mundo sempre concorda com todo mundo*.

O consenso é ativamente mantido. Uma das estratégias de manutenção do consenso é uma *superficialidade prudente* a respeito do nosso consenso. Isso requer uma superficialidade prudente de *dados* pactuados, como quantidades e tempo. A força da superficialidade prudente é diminuída pela escrita, gravação, dinheiro e medição do tempo. Os africanos sentem tradicionalmente que devem manter-se distante destas forças.

Certa vez, quando estudante, eu vivi com 8 pessoas numa casa Holandesa onde cozinávamos em revezamento, por um mecanismo baseado em deliberação coletiva, que sustentei sobre intuições irracionais. Eu propus guardar 8 latinhas para os 8 membros. Cada um começaria com 8 bolinhas de gude dentro da sua própria latinha, "pagando" uma bolinha toda noite para a latinha da pessoa que cozinhou. Isso garantiria a todos um crédito de 8 refeições após as quais ele/ela deveria preparar uma refeição para os outros de maneira a "ganhar" um novo conjunto de bolinhas de gude. A oposição foi feroz. Eu não consegui defender meu ponto de vista. Uma das senhoras que lideravam alegou que isso significaria a imediata "morte" da comunidade. Eu aprendi gradualmente a "sentir" quando era a minha vez. Mais tarde, eu conheci uma garota Norueguesa que ensinava numa escola primária exclusiva para africanos próxima a Kampala que tentou aprender a sentir – naquele momento ainda sem muito sucesso – quando era esperado que ela fosse para a sala de aula, quais crianças esperar, e o que fazer com elas. Ela resolveu o problema simplesmente estando sempre lá, preparada para qualquer coisa (outros professores simplesmente não apareciam ou apareciam subitamente). Assim como na cozinha da minha casa holandesa, havia uma "agenda" na parede dessa escola que, assim como na minha casa holandesa, não havia uma liderança clara. As coisas estavam simplesmente "acontecendo". Muitas questões podem ser feitas: Eu começo a "sentir a necessidade" de cozinhar quando os outros não o fazem? Ou quando eu percebo que as memórias ruins das pessoas sobre a minha última vez começam a desaparecer? Essas são questões após o evento. O conceito ocidental de estratégia racional é o reverso: "motivos" existem antes do evento e fazem você tomar

uma decisão. Isto pode ser exemplificado pelo desenho Lucky Luke onde o mordomo de um lorde Inglês numa excursão pelo Velho Oeste começa a lutar contra opositores indígenas com sua mão direita, segurando uma enciclopédia, aberta no verbete "autodefesa" à sua esquerda. No desenho, é claro, o mordomo vence. É engraçado mas o comportamento deste mordomo tem uma semelhança impressionante com o modo de operação de uma orquestra sinfônica ocidental sentada atrás de suas múltiplas paredes de papel, e dos poetas ocidentais lendo o seu próprio trabalho. Músicos e poetas africanos não trabalham com papel. Concentram-se plenamente nos seus indígenas.

Relógios de pulso e óculos de leitura são frequentemente considerados como coisas desejáveis, mas quem quer que infira que eles são usados à maneira ocidental vai se decepcionar.

O registro minucioso de previsões, crenças, e resultados de eventos inconsistentes com os mesmos, à maneira da ciência ocidental, mas também na análise de performance ocidental, como é usada nos negócios, não rima com comunalidade. Poderiam, caso pensamentos pudessem ser tratados como *independentes* das pessoas que o tiveram, mas numa comunidade africana clássica esta é uma interpretação inconcebível da ideia de "pensamento". Assim como toda força, *todos os pensamentos têm poder advindo de forças pessoais*. Todos os pensamentos são pessoais por definição (ou, se desejar, por "conhecimento sobre o qual é imprudente duvidar").

Não existe necessidade de combinação de conhecimentos inter-comunidade. Toda tribo tem seus próprios ancestrais que detém conhecimento relevante para essa tribo em particular. As tribos tornaram-se geneticamente e culturalmente diferentes no passado, *assim como se passou com o seu conhecimento*. Conhecimento não é considerado geralmente próprio do indivíduo humano, mas específico à comunidade. Ninguém se sente desconfortável com a ideia de que a verdade Busoga é diferente da verdade Asante. Ninguém sente a necessidade de um *ajustamento intertribal* do conhecimento. Portanto: *onde há comunicação, não há pluralismo, onde há pluralismo não há comunicação, pelo menos não para se contentar com uma só verdade*. (Com certeza, há a comunicação do tipo se-você-não-fizer-isto-vamos-fazer-isso.)

Muitos tipos de conhecimento adquirido não são nem comunicados dentro do grupo. Pessoas têm segredos que são guardados com o objetivo de ganhar poder ou não

perder poder. Sacerdotes, adivinhos e artesãos especializados, especialmente, mas em geral todos. Este tipo de conhecimento não traz avanço nem fortifica a comunidade como um todo. Frequentemente alguém os usa para se fortalecer às custas de outros. Truques *in abstracto* baseados em segredos podem fazer da pessoa um herói, mas não seja pego! Aqui, entretanto, a diferença do Ocidente pode não ser tão grande. O cientista ocidental, ao considerar se publica ou não, também enfrenta a recompensa entre a fama resultante e a perda da liderança na competição da pesquisa, e muitos bons resultados científicos têm a propriedade de vender bem contanto que sejam segredos (alguns até mantêm esta como uma razão para não ler muitas revistas acadêmicas).

Um africano clássico só pode mudar sua visão sobre alguma coisa se ele puder convencer *toda*, sua comunidade inteira a aderir. E ele deve fazê-lo tão logo sua visão alternativa lhe ocorra. Qualquer visão ou pensamento deve ser, supostamente, imediatamente social. De maneira que não há tempo para pesquisa preliminar. Começar a pesquisar algo também deve, supostamente, ser decidido coletivamente. Dessa forma, o ato de convencer os outros deve ser bem-sucedido no exato momento em que a visão alternativa ocorra. Como sabemos através da história das ciências ocidentais, abordagens fundamentalmente novas, no início, se dão decisivamente mais mal em muitos campos do que a abordagem convencional com a qual elas estão competindo. Uma nova abordagem é conduzida por entusiastas que não se importam em ser geralmente considerados como estando "no caminho errado". Tais entusiastas usualmente concentram no sucesso de uma visão alternativa na resolução de problemas particulares, e acreditam otimisticamente que o "oceano de anomalias" será ajustado no futuro (Kuhn [1962], 1970; Lakatos, 1970). Em resumo, a ciência ocidental requer comunidades onde não há preocupação se, por um período *mais longo*, alguns acreditem nisso, outros naquilo. Isto vai contra os princípios da comunidade africana clássica, onde a crença está diretamente ligada à sobrevivência momentânea.

Kagamé (1956) conta a seguinte história: uma ruandesa idosa e iletrada diz com grande ênfase e confiança: "Esses brancos são deveras comoventemente ingênuos; eles não têm inteligência" Após ser questionada sobre como ela poderia dizer algo do tipo, inventamos coisas miraculosas sobre o que esses brancos fizeram, coisas além do nosso poder de imaginação. Ela responde: "Escute bem, meu filho. Todos eles simplesmente

aprenderam aquilo, mas eles não têm inteligência alguma. Eles não têm entendimento sobre qualquer coisa".

Conclusão III: O "individual" *contra* o "pessoal"

Appiah dedicou uma seção inteira de um artigo para discutir "o individual versus o pessoal"⁷. Uma maneira básica de expressar a surpreendente dialética das abordagens ocidental versus africana clássica é dizer que no Ocidente a individualidade ("*tudo é individual*") atômica, de livre movimento, anônima, é o ideal de autoimagem, ao passo que a autoimagem ideal do africano clássico é a personalidade ("*toda força é pessoal*") holística, dependente da comunidade, intensamente conectada. E, como deve estar nítido por ora, isto caracteriza a diferença da "física" (perspectiva básica sobre o funcionamento do universo) ocidental e africana também! É desnecessário dizer que, em ambas as culturas, não é possível alcançar plenamente nem ser plenamente feliz com a autoimagem ideal com a qual você, irreversivelmente, cresceu e foi criado, a qual você foi ensinado, implicitamente pela maior parte, como sendo *óbvia*.

Muitos estudiosos, notavelmente Tempels ([1945] 1959), Horton (1973, 1987) e Appiah (1992 e 2005), têm dificuldades em esclarecer a ideia africana de "pessoal", e sua diferença, sim, em oposição ao "individual" ocidental. Em uma fábrica ocidental você pode ter 50 máquinas idênticas e "individuais" operadas por 50 operários "individuais". Do ponto de vista da gestão, nenhum deles é tratado como pessoal. Ambos são onerosos fatores de produção capazes de realizar certas rotinas, indivíduos praticamente idênticos passíveis de serem considerados e tratados de forma idêntica. Diferenças pessoais dentro a força de trabalho (como medidas corporais diferentes que requerem equipamentos profissionais de tamanhos diferentes) são negativas: fatores de custo que reduzem os lucros. Na África até as máquinas adquirem rapidamente suas próprias características pessoais, de maneira que os reparos não são feitos usualmente de maneira padrão. Na África, uma máquina (carro, ônibus etc.), usualmente, pode ser operada apenas por pessoas que conhecem pessoalmente esta máquina em particular.

⁷ APPIAH, Kwame Anthony. African Studies and the Concept of Knowledge in: HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopy, 2005, p.39.

Não é por acaso que várias partes de contribuições a este livro⁸ atingirão muitos leitores acadêmicos ocidentais como "pessoal" (em oposição a "objetivo"). Ao dar ao pessoal o espaço que ele merece (do ponto de vista africano), ilustramos, com esperança, o quão efetivo isto é em conscientizar o leitor sobre as diferenças culturais relevantes para a aquisição e interpretação do conhecimento.

Competitividade e Romantismo

Se as coisas parecem essencialmente iguais ou diferentes depende da distância de observação que se escolhe. Dado que meu propósito era olhar para as diferenças, eu escolhi meu "fator zoom" correspondentemente. Espero que eu tenha chegado perto o suficiente de expor claramente as estratégias africana e ocidental para obtenção e manutenção do conhecimento. A africana é muito consistente, e o deve ser até para um ocidental que se presta a pensar sobre a mesma. Na mesma proporção em que é "estranha" para os ocidentais, sua consistência cria para eles uma janela com uma visão inesperada sobre eles mesmos.

Uma ideia é uma força que pode ganhar ou perder poder. As ideias sobre as quais a mente ocidental é baseada lograram uma "obviedade" para os ocidentais, fazendo delas invisíveis, mas permeando tudo. Mas as ideias podem perder poder também. E elas não têm o mesmo poder em todos os lugares. *As vicissitudes das ideias "óbvias" que seguem viajando, ampliando seu poder, como um muzungu, isto é, como uma força humana vindo de outro lugar.*

O pensamento causal ocidental "morto" já se encontra nos lugares mais profundos da África. A razão é simples. Ele lhe dá poder: poder de ganhar dinheiro como um reparador de motores, e poder de manter seu carro na estrada, de vender seu produto, de adquirir seu equipamento. Se você deseja atualizar para o conhecimento (causal morto) de ponta do século 21 sobre o que os carros *não* precisam para continuar na estrada, você definitivamente deveria ir à África: nenhum mecânico europeu *sabe* tão *precisamente* como muitos africanos quais são os requisitos mínimos de uma estrada e

⁸ HAMMINGA, Bert (ed.). **Knowledge Cultures**. Comparative Western and African Epistemology. Amsterdam: Rodopy, 2005.

de um carro para mantê-lo avançando nesta estrada. Que este conceito parece menos relevante para um ocidental quanto é para um africano é uma questão de prioridades e circunstâncias, e, obviamente, não uma questão de sofisticação epistêmica.

Por fim: tanto no Ocidente quanto na África, como descobri pessoalmente, há um consagrado anseio pela "vida feliz dos selvagens". É de comum conhecimento que na história do pensamento ocidental o selvagem foi um venerado objeto de romantização. Porém, mais de uma vez, minhas discussões com ugandenses sobre mudanças culturais tomaram, por sua iniciativa, o caminho da "sociedade deteriorada", e um anseio pela vida tribal, comunitária e primitiva impossibilitada pelas condições modernas na África. Entretanto, existem também vozes reivindicando a "superioridade" da cultura ocidental moderna. Aqui os ocidentais lideram, curiosamente mostrando espantosa falta de racionalidade científica em fazer observações. Além do mais, os africanos estão frequentemente impressionados em demasia pela cultura ocidental, como consequência de considerá-la erroneamente como a força que lhes dominou. Isso explica em parte a facilidade com que muitas seitas religiosas "ocidentais" ganham seguidores. Elas são identificadas erroneamente como as forças por trás dos poderosos instrumentos técnicos ocidentais. Seus líderes, tipicamente, não se envergonham de manter essa aparência. Deve-se ressaltar novamente que esse artigo não faz nenhuma contribuição para estas, ora românticas, ora competitivas, discussões. Seu significado é bastante obscuro. Em debate político, elas podem ser, e são, utilizadas indevidamente por todos os lados. Isso é fácil porque elas não têm consequência para a ação pessoal, exceto em enganar as pessoas a votar em um em vez de outro.

Dúvidas

Referindo-me, como tenho feito frequentemente, à literatura concernente à tradição africana, a qual não depende tradicionalmente da escrita, é um processo eminentemente tortuoso. Do ponto de vista africano, a referência ótima e genuína é a experiência ("intercâmbio de poderes") de lidar com pessoas africanas na vida. Este é o porquê de eu ter me referido tão frequentemente a experiências pessoais. A grande armadilha, ou *fórum* – Baconiano –, decorre da *invisibilidade* à primeira vista do oceano de diferenças

culturais. É difícil enxergar que há algo a se explorar. Uma vez que uma pequena parte é revelada, o resto permanece invisível como sempre foi, e tendência é pensar que "o trabalho está feito" e não há nada mais para se obter conhecimento a respeito. Isto deixará os ocidentais estagnados novamente, identificando erroneamente o que está lá fora com a circularidade morta das projeções ocidentais da cultura ocidental. De certo, projeções é tudo que alguém pode fazer, mas o *fórum* consiste nos sinais traiçoeiros que se recebe de que, embora nossas projeções tenham sido ridículas, as atuais seriam "boas".

Outro problema é como consertar uma identificação de uma "tradição" ou "cultura" em um mundo em constante mudança. Um método frequentemente utilizado para lidar com as mudanças é primeiro caracterizar "tradição", como um "tipo ideal" weberiano, apresentando as propriedades comuns das comunidades africanas tradicionais, já que elas praticamente desapareceram nos dias de hoje, e então lidar com o percurso histórico feito pelos africanos à partir daquele estado "tradicional". Embora notoriamente perigoso em muitas circunstâncias, tenho seguido esse procedimento, referindo ao tipo ideal "tradicional" desenhado como a *comunidade africana clássica*. Se não houver confusão possível, escrevi simplesmente *africano*. Se isso levou a erros de simplificação excessiva, o mínimo que se poderia extrair seria uma lista destes erros e um plano para corrigi-los.

Ao explicar o ponto de vista africano eu frequentemente segui o hábito de Burgman (1998) de utilizar a forma "nós", bastante inapropriada para mim (sou uma mistura holandesa das culturas e raças frísia e saxã), senão um instrumento intensamente prenhê.

A comunidade africana clássica, como explicada acima, deveria, como um tipo ideal de tradição, deve ser uma de validade africana disseminada. Caso contrário, este artigo de nada serve. Escusado será dizer, o mesmo está restrito aos aspectos epistemológicos relevantes.

Deve-se finalmente ser reconhecido que praticamente tudo que foi discutido já fora observado e discutido anteriormente por outros, em outros contextos, frequentemente formulados em outros termos, de forma que o mérito principal deste artigo, se houver, é reorganizar e reformular questões com o intuito de criar o que espero

ser uma perspectiva africana produtiva, que ofereça uma visão instrutiva da aquisição de conhecimento, epistemologia e filosofia da ciência ocidentais.

REFERÊNCIAS

- Abraham, W. E. (1962). *The Mind of Africa*. Chicago: University of Chicago Press.
- Apovo, J. (1997). Comment on Dah-Lokonon, Gbnoukpo Bodhou "Rain-makers': Myth and Knowledge in Traditional Atmospheric Management Techniques". In: Hountondji, P. (ed.), *Endogenous Knowledge: Research Trails*. Dakar: CODESRIA pp. 113-6.
- Appiah, K. A. (1992). In *My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture*. Oxford: Oxford University Press.
- Bisasso, F. X. (1996). *Kleine Sprachkunde Luganda*. Bad Honnef: Zentralstelle fuer Auslandkunde.
- Blixen, K. (1937). *Out of Africa*. London: Putnam.
- Burgman, H. (1998). *Western Kenya: Ways Of Thinking*. Jinja: <http://mindphiles.com/knowledgecultures>
- Caesar, G. J. ([52BC] 1986). *The Gallic War, with an English transl. by H.J. Edwards*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- Carothers, J. C. (1972). *The Mind of Man in Africa*. London: Tom Stacey.
- Coetzee P. H. and A. P. J. Roux (eds.) (1998). *The African Philosophy Reader*. London, New York: Routledge.
- Cultural Research Centre (1999a). *Ensambo edh' Abasoga [Proverbs of the Basoga]*. Jinja: CRC. <http://mindphiles.com/CRC>
- Cultural Research Centre (1999b). *A Lusoga Grammar*. Jinja: CRC. <http://mindphiles.com/CRC>
- Cultural Research Centre (1999c). *Reconciliation Among the Basoga*. Jinja: CRC. <http://mindphiles.com/CRC>
- Cultural Research Centre (1999d). *Dictionary Lusoga-English, English-Lusoga*. Jinja: CRC. <http://mindphiles.com/CRC>
- Cultural Research Centre (2000). *Good Luck, Bad Luck in Busoga*. Jinja: CRC. <http://mindphiles.com/CRC>
- Dah-Lokonon, G. B. (1997). Rain-makers': Myth and Knowledge in Traditional Atmospheric Management Techniques. In: P. Hountondji (ed.), *Endogenous Knowledge: Research Trails*. Dakar: CODESRIA, pp. 83-112.
- Griaule, M. (1948) *Dieu d'eau. Entretiens avec Ogotemmêli*. Paris: Editions du Chêne.
- Griaule, M. (1965). *Conversations with Ogotemmêli. An Introduction to Dogon Religious Ideas*. London: Oxford University Press.

- Hallen, B. (1981). *An African Epistemology: The Knowledge-Belief Distinction*. Ife: University of Ife.
- Hallen, B. and J. O. Sodipo (1986). *Knowledge, Belief and Witchcraft: Analytic Experiments in African Philosophy*. London: Ethnographica.
- Hamminga, B. (2003). *Ik heb een fiets in Jinja [I've got a bike in Jinja]*. Jinja, Naarden: MIND Foundation. <http://mindphiles.com/bike>
- Hamminga, B. (ed.) (2005). *Knowledge Cultures, Comparative Western and African Epistemology (Pozna Studies in Philosophy of the Sciences and the Humanities, vol. 88)*. Amsterdam/New York, NY: Rodopi. Web Appendix: <http://mindphiles.com/knowledgecultures>.
- Haumann, T. M. H. M. (1998). *Vrede langs het Oorlogspad. Ontmoetingen uit Zuid Soedan [Peace Along the Path of War. Encounters in Southern Sudan]*. Heeswijk, Utrecht: Dabar Luijten- Pax Christi.
- Horton, R. (1973). *Modes of Thought: Essays on Thinking in Western and Non-Western Societies*. London: Faber and Faber.
- Horton, R. (1987). African Traditional Thought and Western Science. *Journal of the International African Institute* 37 (2).
- Hountondji, P. J. (1983). *African Philosophy: Myth and Reality*. London: Hutchinson University Library for Africa.
- Hountondji, P. J. (ed.) (1997). *Endogenous knowledge: Research Trails*. Dakar: CODESRIA.
- Ikuenobe, P. (1996). An Examination for the Universalist Trend Regarding the Nature of African Philosophy. *The Journal of Social Philosophy* 27 (2).
- Jahn, J. (1961). *Muntu: An Outline of the New African Culture*. New York: Groove Press Inc.
- Jahn, J. (1990). *African Culture and the Western World*. New York Grove Wiedenfeld.
- Kagamé, A. (1956). *La philosophie Bantu Rwandaise de l'être*. Brussels: Academie Royale des Sciences Coloniales.
- Kanyike, E. M. (1996). *The Power Factor in African Traditional Religions*. Jinja: Philosophy Centre Jinja (unpublished).
- Kuhn, T.S. ([1962] 1970). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Chicago University Press.
- Lakatos, I. (1970). Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: Lakatos, I. and A. Musgrave (eds.), *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lamb, D. (1987). *The Africans*. New York, Toronto: Random House. Liyong, Taban lo (ed.) (1972). *Popular Culture of East Africa*. Nairobi, Longman Kenia.
- Masolo, D.A. (1986). Kwame Nkrumah, Socialism for Liberation: A Philosophical Review. *Praxis International* 6 (2).

- Masolo, D.A. (1987). Alexis Kagamé and African Sociolinguistics. In: G. Floistad (ed.), *Contemporary Philosophy: A New Survey* 5. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Mbiti, J.S. (1969). *African Religions and Philosophy*. London: Heinemann.
- Museveni Y. K. (1997). *Sowing the Mustard Seed*. London: Macmillan.
- Ochieng'-Odhiambo, F. (1990). Foreword to *Trends in Contemporary African Philosophy* by H. Odera Oruka. Nairobi: Shirikon Publishers.
- Ochieng'-Odhiambo, F. (1997). *Philosophic Sagacity Revisited*. In: A. Graness, and K. Kresse, K. (eds.), *Sagacious Reasoning: Henry Odera Oruka in Memoriam*. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- Plato ([380BC] 1977). *Plato's "Phaedo"* ed. with introduction and notes by J. Burnet. Oxford: Clarendon Press.
- Plato ([355BC] 1973). *Phaedrus and The seventh and eighth letters* transl. from the Greek with introduction by W. Hamilton. Harmondsworth: Penguin Books.
- Spinoza, B. de ([1677] 1977). *Ethica Ordine Geometrico demonstrata*. Stuttgart: Reclam.
- Tempels, P. ([1945] 1959). *Bantu Philosophy*. Paris: Présence Africaine.